

# A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO  
Direcção de MANOEL MARINHO

REPUBLICANOS

Assina e divulga «A Opinião».

avençado

## OS PRINCIPIOS DE JUSTIÇA

EGUALDADE PERANTE A LEI. AS REGALIAS POPULARES. O RESPEITO PELAS DOUTRINAS DE DIREITO

Em qualquer regime e em qualquer sistema politico a difficil situação dos presos, seja porque delicto fôr, deve merecer, sempre, o mais rigoroso respeito.

Um cidadão debaixo do rigor dos seus carcereiros e na sujeição de vencido, tem direito a todas as regalias tanto compatíveis com a sua posição social como com os proprios deveres de humanidade.

Ha pouco tempo ainda, o «Diario de Lisboa», inseria uma acertada doutrina neste sentido, focando-a, com a mais flagrante oportunidade, num justissimo apelo em favor de todos quantos se encontram sujeitos a regimen presional.

Nada mais logico nem mais aceitavel ás consciencias seguras de si mesmo e com ideias definidas sobre os direitos e as obrigações dos homens, quer nas suas mutuas relações, quer naquellas que entre eles e o Estado permanentemente se trocam.

Alem disso, e isto é do fôro comum, todas as acuações necessitam, não só ser motivadas, mas ainda comprovadas sob directa responsabilidade de quem acusa, para que, nã se possam exigir responsabilidades quando sejam caluniosas as afirmações imputadas.

Não reste duvida que as regalias indeviduais precisam ser rodeadas dum respeito meticuloso para que os principios de direito não caiam numa degenerescencia incompativel com os progressos das sciencias juridicas.

Num dos recentes numeros, de ha dias, de «O Jornal de Noticias», do Porto, na secção «Notas Politicas», de Paulo Freire, este, mui acertadamente, e, referindo-se ao caso que vimos tratando, indicava tambem «que o país pensa a serio em aumen- tar e fortalecer as garantias individuais contra os abusos da policia e contra os erros da magistratura».

E affirmava ainda: «Somos um país em que a honra, a liberdade e a vida dos cidadãos, não gosam de garantias apreciaveis e efectivas. Qualquer individuo está sujeito a permanecer meses e meses preso, sem culpa formada, e semanas e semanas na mais rigorosa incomunicabilidade, apesar de quanto contrario dispõem as nossas leis fundamentais».

Não ha, positivamente,

doutrina mais aceitavel que esta, porquanto, possuindo um fundo de simpatia equidade, prestigia os poderes applicadôres das leis, e habilita os seus executôres á rapida resolução dos pleitos civis ou incidentes criminaes. Quanto mais breve fôr a sentença a aplicar a qual-quer delictuoso, concedendo-lhe previamente todas as faculdades de defesa, mais engratecidos se acharão os órgãos da Justiça.

E os Estados, seja qual fôr a sua caracteristica politica, quando desejem impôr-se á simpatia interna e ao respeito exterior, não o almejam nunca, desde que se esqueçam de, pelos seus diferentes organismos directivos, estabelecer tão grandes e nobres principios de justiça como nobres e grandes são sempre os actos dos homens de character impetuoso e de honrosa probidade.

Só assim os dovos triunfam, e só assim conseguem sêr considerados, visto que, na hora tão progressiva do pensamento humano, tudo que fôr cercear regalias legitimamente conquistadas, é abalar a propria estatua da Verdade, é falsear a lendaria figura da Justiça.

Nem nós nem qualquer povo civilisado pode caminhar aos apalões como introduzido em caverna escura e lendaria catacumba, ou aos encontros qual cidadão, apertado num ajuntamento tumultuoso de homens.

A rota das Nações quanto ás suas massas colectivas, furtando-se ao encaminhamento intuitivo que orienta e prescreve o criterio mais adaptavel, gera perniciosas e contraproducentes confusões na *debacle* incongruente do choque violento de opiniões divergentes.

O grande cuidado, pois, precisa consistir, exatamente, na solida coordenação de doutrinas que, não offendendo os principios de direito publico, consubstanciem a indole e, sobretudo, a vontade do povo para que foram codificadas.

Contrariar, por qualquer modo, as condições etnicas, o desenvolvimento espirital, as tendencias politicas, e o modo de sêr individual dum agregado colectivo, é remar contra a maré, levando o batel a um naufragio certo. Ração de sobra, pois, para que se pugne, acentuadamente, pela ma-

## PELOS TRIBUNAIS

Tribunal da Relação do Porto

Sessão de 9 do corrente

Causas julgadas

Escrivão Ferreira

Barcelos—Apelação civil —Joaquim Antonio Dias Pereira contra Joaquim de Oliveira Neiva —Confirmada.

nutenção dum sistema equitativo e humano nas exigencias imperiosas de prisões e detenções por qualquer delicto e com tantas maiores regalias, quanto menos classificação «comum» tiver o crime cometido.

Dão-se, ás vezes, enganos e efectua-se prisões preventivas é certo, mas que occasionam prejuizos incalculaveis e irreparaveis de sassocegos, quer pelo acto de momento, quer pela demora numa solução que, surge, afinal, acabando pela liberdade dos detidos contra quem nada se provou de conclusente, sem a minima indemnisação, nem o direito até de procedimento contra os delactôres.

Se é certo que, ha casos em que circunstancias estranhas toleram estas anomalias, o seu abuso torna-se offensivo e prejudicial aos proprios principios de liberdade individual, desprestigiando e apoucando os povos em que tais fenomenos se realisam.

Se, na verdade, existe, no espirito e na alma dos bons portuguezes, um intenso amor pelas doutrinas republicanas, pelos preceitos morais e pelos principios juridicos, todos, embora cada um na esfera do seu ambito, devem contribuir, esforçadamente, para que as garantias dos cidadãos sejam rigorosa e mutuamente respeitadas.

Publiquem-se as leis ou os decretos considerados necessarios, prescrevendo-se eguaes direitos á accusação e á defesa, mas, sempre em diplomas regulares, sem excepções nem diferenciações de tratamento tão prejudiciais como indicadôres, para o estrangeiro, de que, em Portugal nem todos os portuguezes, assim são considerados perante a sua propria legislação.

Castiguem-se todos os delinquentes, seja de que character fôr o seu crime, mas não se esqueça nunca que já Garfield disse que *era preferivel succumbir na justiça do que vencer na injustiça.*

Salvato Moline

## A' Margem Do Dia

A exploração de casos tão simples como naturais. A hipochondria fantasista levada aos paroxismos da creença. A lenda dos milagres. Sua flagrante incoherencia. Como á tolice vestem roupagens espaventosas querendo-nos impôr como realidade positiva. Discutindo e analisando factos. : : :

ESTA cronica vai, como de costume, dividida em três alneas, embora os aspectos kodaquisados possuam, entre si, as mais estreitas ligações.

As vezes uma variante do costume habitual, não deixa de ter o seu quê de superior aperitivo tanto mais saboroso quanto melhor fôr o manjar a servir.

Desta feita vamos apresentar-lhes, caros leitores, um caso que, pertencendo á banalidade dos acontecimentos diarios, crime seria esquecer já que, quando se trata de offender os espiritos liberais nenhuma contemplação existe que comovam as santas almas dos seraficos pastôres clericais.

Ora vejamos: O correspondente de Braga para «O Primeiro de Janeiro» em carta af publicada, em 3 do corrente, noticiava que, ao capitalista de Vila Verde, sr. Antonio Telm de Menezes Montenegro, roubaram, na capela da Misericordia e quando acabava de, devotamente, ouvir missa, a carteira com 14 contos.

Ao mesmo tempo e no mesmo jornal o correspondente de Pombal, informava que um violento incendio destruiu, por completo, a igreja de Pelariga, da qual as chamas só deixaram as paredes, de na a valendo os esforços humanos nem as resas e rogativas espiritualmente imploradas ao poder divino.

A vida, na sua lucta constante, para quem a observa em todas as suas modalidades e scenicas mutações, não é mais que um espectáculo diario cheio de episodios e acontecimentos que os homens estabelecem, crearam, inventaram e convencionaram.

Porém a maldade dos faciosos dos serventarios de qualquer organismo reacionario procura vêr nas realidades da existencia, por vezes, castigos celestes, tornando os proprios Deuses, simbolos dos seus idolos, infinitamente bons e infinitamente maus, pois lhe atribuem o poder maximo da criação de tudo quanto no mundo ha.

Não raro temos lido já, na imprensa reacionaria, severissimas accusações e ameaças de castigos ás pessoas que não comungam nos seus creídos, quando successos identicos aos atraz referidos, lhes acontecem. Se, em vez da igreja, ardesse a casa dum livre pensador e, em lugar do roubo dos 14 contos ter sido feito a um catolico o fôsse a um liberal, claro que, isso, segundo a sua faciosa teoria, não podia deixar de constituir uma severa punição pelo falta de subserviente creença religiosa.

Tanto se tem falado em milagres que milagre seria, mas verdadeiro, não dizemos já, aparecerem os 14 contos que jazem, nesta hora, na mão dalgum larapio, talvez daqueles que, como os saltadores da Calabria resam primeiro á Virgem, no seu templo, pedindo-lhe lhes deparar boa colheita, mas sim surgir-nos imediatamente, qual conto de fadas, a igreja incendiada no seu estado anterior, magnificente como a cornucopia de Creso, ou brilhante como estrelas em noite escura.

Mas se temos de acreditar em tudo que Deus faz é pelo melhor, certamente que o roubo a um seu fevoto e o incendio dum templo em que é adorado, representa, talvez, segundo a moral teologica, um castigo que não pode camouflar-se.

E Deus que assim procedeu sabe bem a quem o fez.

Anote-se, porem, que, ao seu omnisciente e omnipotente poder de bem ou mal fazer, não somos nós, mas sim a Igreja quem tal dualidade atribue.

SIMPLES comentadôres de factos, arrebanhamos todos aqueles que melhor possam queimar as duvidas e as más doutrinas introduzidas nos espiritos pouco cultivados ou bestializados, propositadamente, por os que desejam, em seu proveito, explorar a ignorancia e a fraqueza dos humildes.

Inflam-lhes ideias que desvirtuam com pleno conhecimento de causa, na intenção de impôrem doutrinas proprias, muito á sua feição e na medida da realisação de certos objectivos.

Fazem, das suas teorias, uma especie de actor transformista que se amolda a todas as imitações, ou uma loja de quinquelherias onde se encontram bonecos para todos os gostos e paladares.

Os reacionarios, subjugadas ao sofisticado principio *do olha para o que eu digo e não para o que eu faço*, entendem-se no direito e dão-se á petulancia de se pretenderem impôr por gestos e atitudes dum falsa *mise en-scene* doutrinarica, com que procuram apresentar-se aos olhos do publico como modelos de perfeição moral, quando, largamente conhecidos são todos os actos de sua vida quer official quer privada.

No entretanto, esquecidos da voluptuosidade concupiscente dos seus proprios temperamentos, condenam nos outros aquilo que praticam e de que se se consideram desculpados. Aproveitando das esotericas teorias theologicas do jesuita Gury, todas as formulas que lhes servem pelo seu estrutural maquiavelismo, calculam que, assim, fecham os olhos ao mundo e escondem a verdade dos factos.

Ninguém ignora que a grande maioria dos representantes do clero conserva, em sua companhia, uma afilhada, uma ama ou uma sobrinha, cujos requisitos e condições materiais são, em r gra, dos mais abundantes, prestando-se a que os seus proprios senhores reproduzam a especie no sagrado cumprimento do principio do *crececi e multiplicai-vos*.

E em face de tantos exemplos deste genero não vemos que os seus auctores deixem de sêr menos considerados dentro do seu proprio gremio nem lhes seja negada a solidariedade eclesiastica ou que lhe faltam os sacramentos e manifestações do ritual catolico sempre que deles carecem.

Os casos largamente conhecidos dos grandes apóstolos da Igreja e eminentes oradôres sagrados Alves Mateus, Alves Mendes, Alves Martins e tantos outros, são sintomaticos como paradigma a apresentar, e a Igreja não considerou apoucados os seus creditos votando-lhes o mais grandioso tributo de preito religioso.

Pois agora com exemplo perfeitamente igual do padre Antonio Manoel Mendes, figura de certos méritos intellectuais, sacerdote honrissimo e antigo professor do Seminario Diocesano, de Portégre, a Igreja, não só lhe negou a Extrema

Unção á hora da morte, como se recusou a acompanhar o seu cadaver ao cemiterio, obrigando, assim, um crente, que o era e dos mais devotos, a ser enterrado civilmente.

E não se lembram esses ilusionistas da moral que, S. Paulo, um dos seus mais idolatrados apóstolos, reconhecendo impossível os atentados contra natureza, nos vs. 2, 4, e 12 do cap. III da Primeira Epistola a Timoteo escreveu isto: «O bispo deve ser irrepreensivel, ter esposa de uma só mulher, apenas, ser sobrio, prudente, grave... governando bem a sua casa, conservando os filhos em obediencia... Que os diaconos não esposam mais que uma só mulher, governem bem seus filhos e a sua propria casa».

Vivendo, como todos nós sabemos que vivem igual a autoridade de que se servem para tratar assim um seu colega de 66 anos, recusando-lhe o perdão que até Cristo não negou aos seus maiores inimigos?

Cristo esqueceu os erros da propria Madalena e, ao tempo, segundo a propria Biblia, não houve maior pecadora. Andam muito esquecidos dos seus actos, estes puritanos da Igreja a quem, pode bem applicar-se o que S. João diz no 7, v. do cap. VIII: «Aquele que, de entre vós outros, esteja sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe a pedra».

CADA passo a serafica inspiração de determinados místicos considerando-se tocados por mão divina e abundantes no mundo da ignorância, como os amaldiçoados tremores que evitaram o silencio com que Nossa Senhora desejava, incognitamente, viajar para o Egipto, no desvendam espantosos casos de milagre.

Ora é uma fonte que surge e cujas aguas fazem as curas mais espantosas, ora uma arvore que, por si só, se move, ora um cadaver deparado no mais perfeito estado de conservação em cheiro de santidade, ora uma dama como a que Bernadette de Soubixons viu entrar na gruta de Massabielle, em Lourdes, tudo, enfim, sintomatisando um producto de doentia imaginativa com que se explora os papalvos.

Mal aparece um destes vulgarissimos casos, os curiosos correm presurosos em peregrinações ao local e, dahi, brota logo, mais uma enorme fonte de riqueza, immediatamente exteriorizada em reflexos de toda a ordem, num mercantilismo que Cristo condena nos votos de pobreza que se impoz, e aos seus proprios discipulos ordenou que fizessem.

Chovem, em panegiricos doirados como os resplendores dos santos ou o sol vibrante em linda manhã de doce primavera, os informes das origens e antecedentes da fenomenal aparição, creando-se, acto continuo, a lenda necessaria e indispensavel: colorir o feito, para melhor se enraizar no espirito dos credulos, a convicção do milagre.

E os episodios repstem-se, de quando em quando, renascendo, como a phenix, das proprias cinzas e revigorando-se em histerismos fantásticos ou em feiticisimos tólmicos, arquetipados nos mais desequilibrados cerebros.

Caminhando neste delirio religioso, certos prosélitos dementam-se e servem então de violentos instrumentos aos seus deprecados motivos, que levaram já a ligiosa Colicopion e o fanatico Torralba assassinar o general Obregon e o tenente Aparicio de Miranda a matar o Dr. Miguel Bombarda.

Pelo mundo estão espalhados alem de diversos cultos pagãos, as religiões Bouddhista, Cristã, Ortodoxa e Protestante, Brahmanica, Mahometana, etc, etc, em todas elas existindo fundamentais semelhanças e aspirando todas aos mesmos fins e objectivos. A nenhuma faltam Deuses, Idolos, aparições, e milagres com que procuram segurar os laços das suas tradicionais maravilhas, de modo a não se perder o efeito dos seus ensinamentos doutrinarinos.

Pena é entre os livre-pensadores não existir tambem o culto e a creença no milagre, pois, que, se assim fosse, teriam, neste momento, ensinado a colocar no altar das suas devoções um santo recentemente aparecido.

Foi o caso que, andando-se, ha dias, a proceder á trasladação do cadaver do antigo e devotado republicano sr. Joaquim Pinto Ramos, constatou-se que o seu corpo estava in-

**SOCIEDADE**

**ANIVERSARIOS**

Passa amanhã, domingo, o do menino Gonçalo Alfredo, filho do nosso presado amigo sr. Aparicio Gomes Pereira.

Está para Lisboa o nosso amigo sr. Antonio Furtado de Afonseca.

Tivemos o praser de cumprimentar em «A Opinião» os nossos amigos e assinantes srs. João Carlos de Miranda, de Grimancelos; José de Amorim Magalhães, de Balugães; Manoel Cardoso de Mendonça, de Sequiade; e José de Araujo Passos, de Igreja Nova.

Aguarda o leito bastante doente a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Fernanda Berta dos Santos Doutel Serafim, esposa do nosso amigo Snr. Manoel Gil Serafim.

**Paquetes a sair no mês de Janeiro**

**De Leixões:**

Dia 14—Vapor alemão «Bayern» para o Rio de Janeiro, Santos, S. Francisco, Montevidéu e Buenos Aires.

Dia 16—Vapor holandéz «Zeelandia», para a Corunha, Cherbourg Southampton e Amsterdam.

Dia 18—Vapor inglez «Stephen» para Liverpool.

Dia 19—Vapor alemão «Arnried» para Madeira, Pará, Maranhão e Ceará.

Dia 20—Vapor francez «Erbé» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Aires.

Dia 22—Vapor inglez «Plutarch» para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Dia 22—Vapor inglez «Francis» para o Ceará, Parnahyba, Maranhão Pará e Manaus.

Dia 23—Vapor inglez «Desna» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Aires.

Dia 24—Vapor alemão «Vilagercia», para o Rio de Janeiro, Santos e Buenos Aires.

Dia 28—Vapor alemão «General Belgrano», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Aires.

Dia 30—Vapor francez «Ceylin» para a Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Aires.

tacto havendo sido, religiosamente, respeitado pelas inclemencias do tempo e pela gula dos vermes, apesar de, em vida, ter pertencido á loja maçónica «Montanha» e ter sido um dos maiores e mais acrisolados livres pensadores.

Como explicação, os reaccionarios, os jesuiticos-exploradores da consciencia humana, este estranho fenomeno?

Que malade inventarão para cuspir a dignidade dum morto que foi tão santo, como todos os outros santos até hoje canonisados?

A ninguém sujam duvidas: Se este dedicado republicano fosse um fervoroso catolico, em vez dum intransigente livre pensador, estava, a esta hora, santificado pela Igreja e os prodigios da sua força celestial espalhar-se-hiam pelo orbe, como as areias agitadas pelos ventos fortes dos desertos.

Assim, o caso ha de passar ao esquecimento bom como explicado se cá, afinal, conforme todos os outros, demonstrando-se, uma vez mais, a inconsistencia dos milagres e a cínica exploração que os representa.

Note-se, todavia, que a feição destas cronicas não se funda em fantasias hipochondricas, nem tende a calculadas explorações da consciencia humana. Analisando os acontecimentos, profunda as suas origens, discutindo os seus reflexos, mas sempre sujeitas á indispensavel e com immutável pratica da citação de factos indiscutíveis.

ARGUS

REPUBLICANOS - Assinai e divulgai «A OPINIÃO»

**Ainda o aniversario dos nossos**

**Bombeiros Voluntarios**

**Écos da sua comemoração**

Um lapso de reportagem de que pedimos desculpa, fez com que deixassemos de mencionar entre as pessoas que uzaram da palavra na simpatica festa dos nossos Bombeiros os nomes do sr. Augusto Soucaasaux, elemento graduado do corpo honorario que, a largos traços, teceu o justo encomio do prestigioso Inspector de Incendios e Comandante daquela corporação sr. Monoe Esteves, bem como o do sr. Miguel Miranda, antigo administrador deste concelho que, falando, mostrou a sua enorme dedicação pelos nossos destemidos Voluntarios, afirmando que sempre que o procurassem sempre o encontrariam.

O sr. Manoel Esteves, nas suas palavras de amor e intima dedicação por aquela casa, fez largas, justas, e elogiosas referencias ao nosso amigo e inteligente barcelense sr. Ilidio Nunes, auzente no Brazil, que considerou, com absoluta justiça, o maior benemerito da Associação, ao esforço e trabalho de quem se deve o elevado producto duma subscrição com que se conseguiu o novo auto-bomba.

O nome deste nosso dia tintissimo patricio foi, então, intensamente victoriado numa das mais affectivas e carinhosas demonstrações de reconhecimento a que temos assistido, atingindo o paroxismo do entusiasmo quando o sr. Dr. Francisco Torres, num comovido preito de homenagem, propôs que ao novo carro fosse dado o nome de «Ilidio Nunes».

A esta distinta prova de affectivo apreço pela simpatica benemerencia de tão afervorado bairrista e devoto amigo de Barcelos sua terra predilecta, reuniu, nos aplausos, a solidariedade de todos os barcelenses agra decidos.

Entre os varios cumprimentos que a nossa prestantissima Associação de Bombeiros recebeu, salientam-se telegramas do Rio de Janeiro, do sr. Ilidio Nunes, da Figueira da Foz, do sr. Amarel Junior, do sr. Alvaro Meireles ajudante dos Bombeiros Voluntarios da Porto, e do 1.º aspirante honorario dos nossos Bombeiros sr. Joaquim Oliveira, actual mente em Penafiel.

**LIMOUZINE**  
= DE LUXO =  
PARA ALUGUER  
A PREÇO DE  
QUALQUER  
— CARRO —  
PROPRIETARIO  
**CARLOS SOUZA**

**RABISCOS**

**Coisas de viagem**

Quando em Ermezinde entrei para uma 1.ª classe do comboio-correio, vi, e com satisfação, que ao canto da mesma carruagem viajava uma linda mulher.

Era alta, forte e morena. Os olhos negros e rasgados destacavam-se, salientando-se no tostado da sua cutis aveludada, pelo seu extraordinario brilho e profundas olheiras.

A boca, então, era um mimo de Arte! Pequenina, vermelhinha, com uma feitura de dentes muito brancos, apeteçivel e tentadora como um fruto maduro e succulento.

Havia bem pouco ainda que eu me tinha despedido da minha mais que tudo, e, apesar da arrelia que semelhante separação me causou, principiêi desde logo a interessar-me vivamente pela minha galante e gentil companheira de viagem, demais, que da parte dela, outro tanto parecia acontecer.

Precisava porem de qualquer pretexto para lhe dirigir a palavra, e sendo assim, puxei dos meus cigarros, e desfechei-lhe á *queima-roupa* as seguintes palavras.

—Vocelencia dá-me licença?...

—Pois não, respondeu elle esteja perfeitamente á sua vontade, cavalheiro.

—Vocelencia, atalhei, é extremamente amavel, e vai desculpar-me se lhe disser que não foi por cortesia...

—Perdão, replicou a tentadora morena, eu sei o que ia dizer-me, mas para mim, creia, o fumo nada me incomoda.

Nesta altura fazia o comboio paragem na estação da Trofa, e ella, parecendo mais disposta para a conversa que eu proprio, perguntou-me.

—Pode fazer a fineza de me informar que estação é esta?

—Como não, minha senhora, respondi immediatamente. E' a Trofa... e se Vocelencia vai para Guimarães...

—Não, disse-me ella sorridente, destino-me a Braga e como é raro viajar só vou com certo receio de me enganar, demais a mais, que me informaram que tinha de mudar de comboio.

—Isso é em Nine, minha senhora, acudi prontamente. Terá portanto mais uma paragem, que é Famalicão. Entretanto, julgo desnecessarias estas explicações, porque, como tambem sigo para Braga, terei o maximo prazer, (caso Vocelencia queira despensar-me essa honra) de lhe servir de cicerone. E nesta altura fui-me aproximando, e disposto para a conquista, dessa atraente morena, por quem já principiava a nutrir certas suspeitas.

Nisto, diz-me ella e bem pousadamente:

**A CIDADE**

**Tradadação de um calaver**

Por ter falecido no Hospital da Misericórdia desta cidade, onde se encontra em tratamento, foi trasladado ao auto-terceiro-socorro «Menerva» dos nossos Bombeiros Voluntarios, pra a freguesia de Palmeira do Faro, do concelho de Espozende, o sr. Albino Alves Ribeirc.

**Farmacia de serviço**

Domingo está de serviço permanente a farmacia do Hospital.

**Instrução**

Para a escola primaria elemental desta cidade, instalada no antigo Colégio do Coração de Jesus, foi criado mais um lugar de professor.

**Brinde**

A importante e acreditada companhia de seguros «Portugal Previdente», com sede na Rua do Alecrim n.º 10, Lisboa, acaba de nos obsequiar com alguns brindes calendarios para o corrente anno.

Agradecemos a gentileza da offerta.

**Incendio**

No passado sabado manifestou-se incendio nuns aposentos de arruações do predio habitado pelo nosso amigo sr. Manuel Pereira da Quinta, que devido á prontidão e ás energicas medidas dos nossos Voluntarios não tomou proporções de importancia.

Os prejuizos, ainda assim, são de algumas centenas de escudos.

**Rectificação**

A tiragem do nosso bi-semanario de quarta-feira passada safu com o numero de publicação errado.

Safu com o numero 200, quando devia ser 191.

**Roubos**

A requisição do administrador deste concelho foi presa em Braga a servicial Carolina Ferreira, dequella cidade, que estando a servir em casa do nosso amigo e assinante Snr. Manoel Gil Serafim, empregado na agencia local do Banco Nacional Ultramarino, ali praticou um roubo de ouro e dinheiro.

**De luto**

Encontram-se de luto, pelo falecimento ha dias em Denia (Espanha) de sua estremosa mãe, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. José Beltran Charfi, os nossos amigos srs. D. Salvador e D. Francisco Domenech.

A estes dois nossos estimados amigos, o nosso cartão de sentidos pesames.

—Duvida alguma tenho em aceitar os seus amaveis oferecimentos, pelos quais, desde já me confesso deveras grata. Por sua vez, o Lucio, não deixará tambem de lhe agradecer todas as gentilezas que me tem proporcionado... e se lhe digo isto, é porque suponho que o cavalheiro está esquecido...

O Lucio!... Cai das nuvens. O Lucio era um dos meus melhores amigos de infancia e de Lisboa!

Consertei-me como pude, e quando chegamos a Braga, já o Lucio estava na gare, impaciente, atendendo a que o comboio chegava com uma hora de atrazo. Lisboa, 2-1 0-929.

Joaquim Terroso

P. S. As gralhas que tem poisado nos meus Rabiscos como são de facil correcção, abstenho-me de falar nelas.

J. T.